

LOULÉ

JORNAL PROGRESSISTA

ASSIGNATURAS—Por trimestre, paga adiantada, 500 réis; semestre, 900 réis; anno 1500 réis; numero avulso 40 réis. Para fóra de Loulé acresce o preço das estampilhas. Toda a correspondencia deve ser dirigida a Pablo Garcia Delgado, administrador d'este jornal, rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou rua Barbacem 10 e 12—LOULÉ.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por cada linha, 40 réis; ANNUNCIOS por linha de typo commum, 20 réis; annuncios permanentes, ajuste particular. Anuncia-se qualquer publicação litteraria recebendo-se 1 exemplar. Não se restituem os originaes enviados á redacção, embora não sejam publicados.

LOULÉ

Conjuraram-se ainda por mais uma vez os perigos d'uma crise ministerial e o governo ficou tal como anteriormente estava, isto é: sem homogeneidade, sem cohesão.

No seio do ministerio fervilham as intrigas e as ambições pessoas reveladas, já por vezes, em factos que, passando os humbraes dos ministerios, têm chegado ao conhecimento do publico que, no uso pleno d'um inquestionavel direito, os critica com duresa, mas com verdade.

O governo pouco se tem importado com essas criticas, mas nem por isso os seus membros têm deixado de ouvir amargas verdades que certamente prefeririam não ouvir; nada o detem, nada o estorva no proseguimento, ás cegas, da sua marcha, destruidora das garantias e de tudo que de liberal havia outr'ora.

As divergencias no viver intimo d'esses sete homens, que se apoderaram da governação publica, como se Portugal fosse propriedade d'elles, accentuam-se a cada passo e a proposito de qualquer facto, demonstrando assim bem claramente a *santa harmonia* que reina no gabinete a que preside um dedicado amigo e submisso servidor dos interesses da nossa *fiel alliada*—a Inglaterra.

Ainda a proposito da realisação das festas em honra dos expedicionarios e das recompensas que a alguns se devem conceder, esses desintelligencias se manifestaram a ponto de estar imminente a queda do ministro da guerra que, depois de tudo que sobre tal assumpto tem acontecido, ficou collocado n'uma vergonhosa situação, o que não impede que continue a gerir a pasta da guerra.

Se o que aconteceu com o sr. Pimentel Pinto tivera succedido com outro ministro, cremos bem que a estas horas não estaria já nos conselhos da corôa.

Mas o temperamento do sr. ministro da guerra não lhe permite incommodar-se com as desconsiderações que lhe foram feitas e o amor ao poder é superior a todas as restantes considerações, por maior que seja o seu peso.

O sr. Pimentel Pinto tencionava assistir aos festejos que no Porto se celebraram em honra dos expedicionarios, para

o que já tinha tomado aposentos no *Grand Hotel do Porto*, mas o governador civil d'aquelle districto, que auscultou cuidadosamente a opinião publica, participou para o governo que a presença de alguns dos seus membros nos festejos populares seria d'alta inconveniencia e poderia originar serios tumultos.

Taes são as sympathias e popularidade de que o governo gosa na segunda cidade do reino.

Decorreram as festas sem que alguém ouvisse victoriar o governo, e um facto succedido na estação do caminho de ferro, na despedida do coronel Galharado, veio confirmar o que acima dissemos.

A referida estação achava-se repleta de pessoas que se iam despedir do coronel Galharado e que em estrepitosos enthusiasmos o victoriavam, bem como aos expedicionarios, quando um influente regenerador, querendo aproveitar-se d'aquelle enthusiasmo, levantou um viva ao governo.

Foi o sufficiente para que a reacção explodisse e ao lado d'aquelle influente se soltasse logo outros vivas que abafaram o primeiro. Não agradou isto ao amigo do governo, que teve a imprudencia de levantar a bengala, que lhe foi arrancada das mãos por estudantes e populares, ficando ainda bastante contundido, e mais ficaria se os officias presentes não intervissem para serenar o conflicto.

O governo deve, pois, estar muito contente por ver que a sua conducta vae produzindo resultados tão satisfatorios; os seus actos são tão apreciados e os seus membros tão considerados, que em todas as manifestações por elle organisadas se nota extrema frieza e nas manifestações populares é completamente collocado de parte, e se n'essas mesmas apparece algum amigo a saudal-o, levantam-se logo de todos os lados os mais energicos protestos.

Mas ainda isto não é tudo.

Entre a comissão de guerra do pseudo-parlamento, ou, por outra, do *Solar dos Berrigas* e o respectivo ministro, ha desintelligencias ácerca do modo como deve ser concedido o posto d'acesso aos que praticaram um feito militar de extraordinario valor.

O sr. ministro da guerra salvaguardando, primeiro que tudo, os interesses pessoais, só quer as promoções com a con-

templava-a, amaldiçoando a perturbação que me tornava estupidamente idiota aos olhos d'essa creança elegante, ideal e distincta.

Mil vezes tentei formar uma phrase pequenina, exuberante de sentimento, que lhe vibrasse no coração adormecido, como a nota final d'uma canção predilecta. Se ella ao menos reparasse em mim, se a luz rapida mas intensa d'um olhar affectuoso viesse rasgar o veu da incerteza, dando-me a coragem necessaria para lhe dizer:—amo-te!...

Mas nem um olhar, nem um sorriso. Bertha entretida na construcção d'um *bouquet* de flores do campo, não via a impaciencia quasi febril em que eu estava.

As rosas silvestres, d'uma singeleza absurda e desastrada, que ella collocava em poses artisticas, pareciam escarnecer-me, rindo-se do meu embaraço e do odio que eu lhes votava. E effectivamente odiava-as; porque além de me roubarem a attenção de Bertha deviam fatalmente recordar a amabilidade e talvez o affecto da pessoa que as offerecera.

Então, com um movimento nervoso, filho do ciúme que me desvairava, despedacei entre os dedos uma flor com que minha prima tencionava acabar o *bouquet*.

Bertha fitou-me extraordinariamente admirada.

Repelli a palavra—perdão,—que no primeiro momento me viera aos labios e confes-

sião de serem sem prejuizo de antiguidade.

E isto comprehende-se, porque o ministro da guerra, que tanto trabalho tem tido em reformar generaes para mais depressa chegar áquelle posto, não deseja ficar agora preterido pelo coronel Galharado, que foi *gosa* na Africa com os pretos e não *soffreu*, como o sr. ministro da guerra, as inclemencias, incommodidades e amarguras que se passam n'um ministerio.

O coronel Galharado teve de combater os pretos expondo-se a ser colhido por uma bala, ou uma seta e o sr. ministro da guerra teve de fazer politica a favor do ministerio e expor-se a aturar as pretensões dos politicos, o que é talvez peor do que lutar com os pretos.

São muito differentes as condições e por isso o sr. Pimentel Pinto não deseja ficar para traz depois de ter praticado tão brilhantes feitos.

Tudo se ha de harmonisar e o ministro da guerra continuará a fazer parte do governo e a gerir os negocios da guerra, apesar de desprestigiado aos olhos de todos, militares e paisanos.

o Correio

No n.º 146 do nosso jornal com data de 27 de outubro do anno proximo passado foi publicada uma correspondencia de Boliqueime em que o nosso correspondente d'aquelle localidade se referia a uns factos que, a serem verdadeiros, exigiam da parte da direcção geral dos correios energicas providencias e severas penas para o auctor dos abusos narrados na mesma correspondencia.

Tratava-se, segundo o correspondente dizia, nada mais e nada menos do que da appareição, nas proximidades da linha ferrea, de umas cartas violadas.

Era um caso grave e que requeria uma syndicancia, o que o zeloso chefe districtal, sr. Francisco Antonio de Moraes, fez logo que d'elle teve conhecimento.

Effectivamente o sr. Moraes partiu para Boliqueime onde procedeu ás necessarias averiguações inquerindo para isso as seguintes pessoas: Agostinho Gonçalves, Manuel Pires Rolha, Manuel das Dóres, José Antonio Maria, e o chefe da estação de Boliqueime.

Dos depoimentos conclue-se o seguinte:

Manuel Pires Rolha, carregador do caminho de ferro, dissera um dia em conversa,

sei-lhe sinceramente que a causa d'aquelle loucura era o ciúme. Depois, não reparando na enormidade da minha audacia, disse-lhe que a amava com esse enthusiasmo santo e inextinguivel com que o exilado ama a patria, o marinheiro ama o mar, a borboleta ama a flor!...

Quatro dias depois, n'uma verdadeira manha de estio, serena e alegre como um sorriso de felicidade, levantei-me um pouco mais cedo que costumava e desci ao jardim.

O meu passeio favorito era o *chalet*. E elle namorava-me lá ao longe, levantando a sua cupula azulada por cima das laranjeiras carregadas de fructos, os quaes destacavam como manchas avermelhadas nas folhas verdes das arvores.

D'ali descobria-se o oceano immenso e magestoso, onde os barcos de pesca corriam a todo o panno, levantando á superficie da agua globulos scintillantes, que morriam pouco depois n'uma esteira levemente esbranquiçada.

Sobria vagarosamente a escada de cortiça que conduz ao *chalet* quando uma voz de mulher me fez parar surprehendido. Enclinei-me e atravez d'umas trepedeiras que emolduravam a porta, vi a prima Bertha e a Clarissa, sua intima amiga, conversando animadamente.

onde estava presente o nosso correspondente, que o seu companheiro Manuel das Dóres lhe contára que, ha tres annos, ou nos ultimos mezes do anno de 1893, indo preparar as agulhas para o comboio do Alemtejo, que parte de Faro ás seis e meia horas da manha, encontrára junto da linha, entre papéis sem importancia, duas cartas *selladas e devidamente fechadas, sem vestigios de violação*.

Interrogado Manuel das Dóres confirmou o que acima dissemos declarando que entregara as cartas ao chefe da estação de Boliqueime que por sua vez as fez chegar ás mãos do empregado da ambulancia, no dia seguinte.

Apurou-se tambem que, desde aquella epocha para cá, não consta que tenha apparecido junto, ou nas proximidades da linha ferrea correspondencia alguma, quer fechada, quer com signaes de violação e que, com respeito ao extravio de cartas, a que o correspondente tambem se referia, tinham faltado em outubro passado ao sr. José Antonio Maria, duas cartas expedidas de Lisboa, não se podendo comtudo apurar onde o extravio se dera.

Cremos, pois, que a accusação feita pelo nosso correspondente de Boliqueime foi originada n'um mal entendido da sua parte, ou na má comprehensão do que seja violação.

O que se apurou representa, da parte do empregado da ambulancia, um descuido, mas nunca o crime de violação, que é uma coisa tão diversa do succedido, como o dia claro é differente da noite escura e tormentosa.

O sr. Francisco Antonio de Moraes teve a amabilidade de nos procurar mostrando-nos o processo da syndicancia a que tinha procedido, pedindo-nos ao mesmo tempo para que fizéssemos publico o resultado d'ella, no que não fizemos a minima objecção. Accedendo ao seu pedido temos a consciencia de que praticamos apenas um acto de justiça.

Não costumamos fazer accusações infundadas, nem gostamos que no nosso jornal outros as façam, o que não podemos é evitar a publicação de certos factos que, como aquelle de que estamos tratando, era acompanhado do offerecimento de provas.

A responsabilidade não era nossa e o accusador dizia-se habilitado a provar as suas asserções.

Felizmente não houve violação e a accusação foi, naturalmente, como acima dissemos, originada n'um mal entendido.

La retirar-me, não querendo perturbar aquella discussão, decerto interessante, quando ouvi proferir o meu nome.

—«Olha Clarisse, dizia miuha prima, quem eu amo verdadeiramente é o Americo. Mas casando com elle não podia ser feliz. Ficava aqui sempre preso a esta monotonia que me aterra e onde só o espelho me diz que sou formosa.

«A minha indole não se amolda a esta vida obscura, regular, horrorosa! Aqui não vivo; e este papel de violeta escondida entre as heras, detesto-o, abomino-o!

«Queres saber qual é o meu sonho d'ouro, o alvo luminoso que a phantasia me mostra?... E' o meu casamento com o Luiz, uma cerimonia luxuosa e magnifica em que eu serei a rainha.

«A' sahida da igreja espererem-nos ha um *coupé* pequenino forrado de seda azul, que nos ha de conduzir a uma cidade grande, populosa, cheia de ruido e de movimento. Ah, hei de ir constellada de brilhantes e envolvida em velludos e rendas, aos bailes dos titulares, ás *premieres* nos theatros mais notaveis, encostada ao braço de meu marido, orgulhosa, satisfeita e feliz!

«Que futuro, Clarisse, que futuro!...

«E em todas essas reuniões aristocraticas, as minhas *toilettes* serão designadas como as mais elegantes, as mais distinctas!

FOLHETIM

OS ESPINHOS DA ROSA

(Conclusão)

No dia em que me convenci que o meu amor por Bertha era immorredouro e supremo, Coralía recebeu o famoso bilhete do Augusto.

Depois de dar aquella morosidade cruel e intencional o nome de esquecimento,—que confessei imperdoavel,—fiz o elogio do nosso excellent amigo, cingindo-lhe a fronte com a aureola de martyr e de apaixonado.

Coralía escutava-me em silencio, comprehendendo talvez que esta apothose era a expiação da minha culpa, era o remorso que suffocava.

Essa noite, a tia Margarida assentada junto da janella ouvia, sorrindo, uns versos humoristicos que o Edmundo lia a meia voz.

Coralía estudava no piano uma masurka de Chopin.

O acaso ou a attracção tinham-me aproximado de Bertha. Não ousando incommodal-a com as semsaborias d'uma conversa banal e muito menos a discripção do meu amor,

De tudo isto resalta tambem um facto, com o qual nos congratulamos; vem a ser, que o sr. Francisco Antonio de Moraes é um chefe activo e zeloso, e indaga minuciosamente a verdade, defendendo assim o bom nome dos empregados do correio, quando estes sejam injustamente accusados, e procurando do mesmo modo que, caso haja crime ou abusos, sejam punidos os prevaricadores.

Entendemos que procedemos com lealdade informando o publico do succedido ácerca da accusação feita no nosso jornal, ainda que sem responsabilidade alguma da redacção.

Attentado contra D. Carlos

Na quarta-feira, quando el-rei D. Carlos, acompanhado do sr. capitão de estado maior, Antonio José Garcia Guerreiro, seguia, n'uma carruagem, das Necessidades para a Avenida, acerrou se d'elles, na rua do Sacramento, um homem que dirigiu a palavra ao sr. D. Carlos.

A carruagem seguiu e quando estava um pouco distante o mesmo individuo tirou da algibeira do casaco duas pedras e arremessou-as sobre a carruagem, indo uma bater no hombro do sr. capitão Guerreiro e a outra nas costas do cocheiro, tendo passado por cima da cabeça d'el-rei.

A carruagem parou e os srs. D. Carlos e capitão Guerreiro, de espada desembainhada, perseguiram o auctor do crime, que foi preso por um soldado do 3.º esquadrão da guarda municipal.

Ao ser preso soltou um *viva a monarchia*, grito que já tinha dado ao arremessar as pedras.

Parece que o que motivou o attentado foi o auctor, mulher e filhos estarem lutando, com a fome.

A policia quer explicar o caso pela loucura e internou o preso em Rilhafolles.

Tem passado peor dos seus incommodos a ex.^{ma} sr.^a D. Marianna Victoria Rua, digna esposa do nosso amigo sr. Thomaz Joaquim Rua, intelligente escrivão do juizo de direito.

Fazemos sinceros votos pelas melhoras da virtuosa senhora.

Estadas

Na segunda-feira esteve n'esta villa o sr. José Viegas Martins, de Quarteira.

Tambem aqui esteve na terça-feira o nosso assignante de S. Bartholomeu de Messines, sr. Joaquim Thomé de Souza R. Remechido.

Vimos aqui na quarta-feira os srs. João de Souza Uva e José Lopes Rosa, da freguezia de S. Braz.

Esteve aqui hontem e retira-se hoje para Lisboa o s. Francisco Barbosa Formosinho, negociante estabelecido n'aquella cidade.

Foram creadas escolas mixtas para o ensino primario em Sagres, concelho de Lagos e em Armação de Pera, concelho de Silves.

Foram concedidos trinta dias de licença ao cirurgião-ajudante de caçadores 4 sr. João José Marques.

«Os olhares invejosos das outras mulheres provar-me-hão que a minha vaidade é natural, porque se baseia em tres pedestes tentadores,—a formosura, a mocidade e a riqueza.—E é para assegurar esta ultima e por ambição de esmagar os outros com o meu luxo imponente e com a minha belleza altiva, que accito sem repugnancia a mão do homem que não amo, nem amarei nunca!...»

Este vesicatorio admiravelmente applicado sobre a minha paixão nascente produziu, como deves suppôr, uma cura rapida e completa. E esta noite, em lugar de acompanhar minha esposa á *première* d'um opera notavel ou a algum baile aristocratico, vou, como qualquer simples burguez, assistir a uma ceia magnifica, que os meus antigos condiscipulos me offerecem.

Talvez te pareça exagerada esta asserção; mas fica sabendo meu caro, que as mulheres esplendidamente formosas como a minha ex-noiva, não amaram nem amarão nunca outra coisa que não seja a sua belleza, esse iman adoravel que lhes dá o triumpho a que ellas aspiram,—a inveja das outras.

Até breve.

Teu

Luiz.

MAGDALENA MARTINS DE CARVALHO.

O nosso amigo sr. dr. Virgilio Francisco Ramos Inglez, governador civil de Faro, tem estado doente com um anthraz.

Sinceramente estimamos o seu prompto restabelecimento.

Contando apenas 25 annos de idade falleceu na sexta-feira a sr.^a D. Paula Botta.

Foi duto o golpe que a sorte vibrou ao coração de sua mãe, de quem a finada era a companheira dedicada, e a quem enviamos sentidos pezames.

De Lisboa vieram para Faro, para a corveta *Duque de Palmella* e canhoneira *Açor*, diferentes volumes com comestiveis, um cunhete com mil cartuchos desembalados, uma caldeira para a lancha a vapor, uma verga para um dos mastareus da corveta e tres volumes com toldos.

No conselho do almirantado está-se levantando o corpo de delicto, por alcance com a fazenda nacional, ao escrivão do departamento maritimo do sul.

Estiveram muitissimo concorridas e animadas as reuniões dadas no domingo e quinta-feira para os socios do *Gremio Louletano*, dançando-se com grande animação e reinando sempre a melhor cordealidade e franqueza, o que constitue ainda um maior atractivo para os socios e suas familias.

A camara municipal de Villa Real de Santo Antonio enviou ás camaras uma representação pedindo o restabelecimento do concelho de Castro-Marim.

O sr. Francisco Teixeira dos Reis, capitão-tenente e immediato da corveta *Palmella*, foi nomeado interinamente adjunto do chefe do departamento maritimo do sul.

O nosso amigo sr. Pereira de Mattos, acreditado ourives de Lisboa, esteve durante alguns dias da semana finda n'esta villa.

O prior de S. Sebastião

Dia a dia vamos recebendo novas informações do procedimento inqualificavel do padre Miranda; todos os dias nos contam casos novos que vamos registando para em devido tempo os tornarmos publicos, pois que impossivel é narrarmos tudo de uma só vez. Para isso não seriam sufficientes as quatro paginas do jornal, nem ainda acompanhado de um suplemento com igual espaço, e temos outras coisas a tratar; mesmo que não corre pressa alguma e assim os nossos leitores vão saboreando pouco a pouco.

O padre Miranda tem-se encarregado de accumular mais provas para a sua accusação.

Devido a isso podemos hoje apresentar um novo e recente facto por elle fornecido.

Na quinta-feira passada o padre Miranda apresentou-se, n'um enterro, embrulhado n'um capote levando debaixo d'elle a sobrepeliz e a estola!!!

Esta apresentação causou estranheza e repugnancia em todos que a viram.

Todos comprehendem a obrigação que têm de, nos actos publicos, se apresentar com decencia, mas a comprehensão d'esse dever não póde penetrar no cerebro do padre Miranda em vista da tenaz resistencia que a enorme testa da respectiva cabeça offerece, não só a esta obrigação como a tudo o mais que fór decente, racional e justo.

Criticando e com razão este facto diziamos uma pessoa:

—Tenho já perto de 60 annos e por isso tenho visto muita coisa e conhecido n'esta villa muitos padres, mas é a primeira vez que vejo um padre e prior de uma freguezia apresentar-se no enterro d'um seu parochiano cobrindo a sobrepeliz e a estola com um capote!

E' simplesmente extraordinario!!!

Isto vem confirmar o que aqui dissemos e repetiremos ainda:—o padre Miranda está longe e bem longe de comprehender os seus deveres como parochio; o seu logar era n'uma freguezia rural e das mais inferiores, onde a illustração e educação fossem rudimentares, porque não tem predicado algum que o recomende para estar dirigindo a freguezia de S. Sebastião, n'uma villa importante como Loulé.

A illustração do padre Miranda e os seus bellos sermões deveriam produzir nos pretos, em Africa, um grande effeito.

Audiencia do reu

FERNANDO CORREIA LABIZA

Começou na sexta-feira pelas onze horas da manhã, no tribunal judicial d'esta comarca a audiencia geral para o julgamento do reu Fernando Correia Labiza, accusado do crime de roubo, associação de malfiteiros e fuga da cadeia.

Presidiu o sr. dr. Antonio Moreira Barroso sendo a accusação representada pelo sr. dr. Adolpho Kruger Garção, agente do ministerio publico e a defeza a cargo do sr. dr. Alfredo Ansur, illustre advogado nos auditorios da comarca de Lisboa.

Procedeu-se á chamada dos jurados faltando sem motivo justificado o sr. visconde da Orada e por isso o meretissimo juiz mandou dar vista ao ministerio publico, lavrando-se o competente auto.

Feito o sorteio do jury ficou este constituido pelos srs.:

José Antonio Lima, Miguel Flóres, Manuel Martins Pontes, Manuel Francisco Bandeirinha, Joaquim Bernardo de Souza Barros, Joaquim Marcello Adelino Pereira, Sebastião Corpas, João Antonio Rodrigues Mealha e Antonio de Brito da Mana.

A leitura do processo demorou aproximadamente uma hora, findo o que o advogado apresentou a seguinte contestação ao libello accusatorio:

1.º—Que até 1890 (salvo a accusação por ter dado dois bofetões) nunca foi accusado de crime algum, tendo constituido familia (mulher e sete filhos menores) em Setubal, onde gosou e gosa ainda de excellente reputação.

2.º—Quanto ao crime de associação de malfiteiros não ha a mais pequena prova contra o accusado, tendo sido por esse crime outros condemnados e cumprido sentença, tendo até já morrido alguns.

3.º—Que quando se deu o facto que motivou o processo estava vivendo o accusado fóra da provincia do Algarve, sendo certo que se dedicava á agricultura, tendo fazendas arrendadas.

4.º—Que o que tem prejudicado o accusado tem sido este nome de Labiza, que aliás pertence a tres familias diversas, compostas de mais um cento de individuos, com cujos actos nada tem, sendo certo todavia que seus antepassados, tios, paes e avós nunca tiveram processo nem gosaram de má reputação.

5.º—Quanto á passagem das moedas de 500 réis falsas a prova da criminalidade fallece por completo, estando qualquer pessoa sujeita a passar moedas falsas inconscientemente, mas não sendo crível que algum tomasse como verdadeiras as que estão em juizo.

6.º—Em todo o caso é certo que se não imputa o fabrico d'essas moedas, aliás teria logar um processo especial com jury de tres comarcas.

7.º—Quanto ao furto de cavalgaduras têm-se repetido crimes d'esta natureza depois do accusado estar preso, que é publico e notorio que em 8 de outubro de 1895 roubaram trigo e dinheiro a Manuel Francisco Fragoso, de Alfontes e, aqui, mesmo em Loulé roubaram ultimamente uma cavalgadura aparelhada, no largo de S. Francisco, isto para não fallar de um homicidio perpetrado de cara a cara em que parece ter havido absolvição, etc., etc.

8.º—Que o facto de ter sido condemnado em 6 mezes por ter dado dois bofetões não é deshonroso e pagou á sociedade o que devia por esse de-mando.

9.º—Que quanto ao porte d'arma, a que se refere um dos apensos n'esta audiencia, desde que o ministerio publico declarou, para se consignar na acta, que o não accusava por esse facto, nem mesmo como circumstancia aggravante, prescinde de defeza n'este ponto.

10.º—Que quanto á fuga da cadeia de Loulé a realisou por um sentimento de liberdade innata a toda a creatura racional e bem assim por se ver ausente ha tanto tempo de sua querida mulher e de seus sete filhos menores, todos na miseria pela sua prisão e bem assim por se interceptar a sua correspondencia mesmo registada, com varios amigos seus e com a sua familia, mas que a prova de que não andou com intenção criminosa, é que durante os oito mezes que esteve á solta não se lhe aponta um unico crime.

11.º—Que foi o reu homem sempre bem comportado, francamente hospitaleiro em sua casa, não havendo particular que d'elle e queixe; que tem soffrido bastante com os rigores da justiça, vendo-se algemado como o maior dos facinoras, e tendo já uma longa prisão soffrida, em que tem soffrido em Faro jejuns a pão e agua, etc.

12.º—Que por todos estes motivos se vê que este processo volumoso penosamente architectado é uma fantasmagoria, e representa muito barulho para nada; que parte da opinião publica, que se tem pronunciado contra o accusado, é apaixonada e erronea confundindo factos de outros Labizas, por que este não é responsavel, devendo, por isso, ser absolvido e mandado em paz sem custas.

Em seguida procedeu-se á inquirição de testemunhas de accusação, tendo sido apenas interrogadas nove, prescindindo a accusação das restantes, outro tanto succedendo com as de defeza.

Terminada a inquirição, o presidente do tribunal começou a interrogar o reu que ne-

gou todos os factos de que era accusado, confessando apenas a fuga da cadeia d'esta villa e como fossem mais de quatro horas da tarde encerrou-se a sessão para começar hontem pelas dez horas da manhã.

Aberta n'esse dia a audiencia foi dada a palavra ao representante do ministerio publico, que usou d'ella limitando-se á apresentação das provas constantes do processo, com toda a imparcialidade, fallando correctamente. Disse que seria breve porque a causa em discussão não lhe fornecia elementos para uma accusação cerrada.

Usou depois da palavra o patrono do reu sr. dr. Alfredo Ansur que, n'um breve e elegante discurso de pouco mais de meia hora, procurou desfazer as poucas provas que o processo apresentava contra o reu, não expondo um plano de defeza mais circumstanciado por não ter para isso tido o tempo necessario.

Disse tambem que muito tinha a dizer mas que não se explanava mais na defeza visto o representante do ministerio publico ter sido breve na accusação.

Era grande a curiosidade do publico em ouvir o sr. dr. Ansur, que pela primeira vez orava n'este tribunal; justificada e bem correspondida foi essa curiosidade, porque o illustre advogado falla com facilidade, expondo com clareza os factos, deduzindo d'elles as provas para a defeza e revelando erudição e abundancia de conhecimentos juridicos.

Propostos os quisitos recolheu o jury á sala das conferencias voltando depois e dando como provados por unanimidade os crimes de associação de malfiteiros, de furto e de fuga da cadeia, e como não provado o de passagem de moeda falsa, approvando o bom comportamento anterior do reu, pelo que este foi condemnado em 8 annos de prisão maior celular, ou 12 de degredo em Africa, em possessão de 1.ª classe, 6 mezes de multa, custas e sellos dos autos.

Tem estado doente uma filhinha do nosso amigo sr. José Brandeiro.

Fazemos votos pelo restabelecimento da interessante creancinha.

Tendo terminado a licença que lhe fóra concedida regressou a Faro o sr. dr. João Ferreira da Silva Guimarães, delegado do ministerio publico.

Acha-se bastante incommodado de saude o 1.º tenente sr. Oliver, adjunto do chefe do departamento maritimo do sul.

Por este motivo o sr. Oliver recolheu a Lisboa.

Já se acha n'esta villa o sr. Gabriel Ramos, escrivão do 6.º officio, logar ainda ha pouco creado n'esta villa.

Vindo de Lisboa chegou a esta na quinta-feira o nosso amigo sr. José V. M. Brandeiro.

Consta-nos que está incommodado com rheumatismo o sr. Antonio Maria Rebello Neves, solicitador na comarca de Faro.

Estimamos as suas melhoras.

Recebemos *O Nacional*, novo semanario que começou a sua publicação ha pouco na cidade da Covilhã.

Agradecendo a visita do collega fazemos ao mesmo tempo votos pelas suas prosperidades.

Falleceu na quarta-feira á noite o sr. Manuel Francisco Almas Junior.

Sentindo a sua morte enviamos os nossos pezames á familia.

Chegadas e partidas

Partiu na quinta-feira á tarde para Lisboa, d'onde segue para Coimbra o nosso amigo sr. dr. Silvestre Falcão habil clinico d'esta villa.

Sairam na terça-feira os srs. Anselmo da Silva Vieira e J. Queiroz; o primeiro empregado dos srs; Ferreira & Dias e o segundo do sr. F. C. de Souza.

Na quarta-feira partiram para barlavento da provincia os srs. Francisco Machado e Gabino Tablas, empregado do sr. Alberto de Figueiredo.

Hontem, pelas quatro horas da tarde, foi preso pela policia José Francisco o *Rei Bacho* por ter dado um pontapé n'um pequeno de 8 annos de idade, filho de José da Conceição da Piedade.

Kalendario da semana



FEVEREIRO 29 DIAS

- 2, Domingo — Purificação de Nossa Senhora.
 3, Segunda — S. Braz, B. M. S. Odorico.
 4, Terça — St.º André Corsino.
 5, Quarta — St.ª Agueda, V. M.
 6, Quinta — As Chagas de Christo. & Q. minguante á 1 h. 2 m. m.
 7, Sexta — S. Ricardo, rei.
 8, Sabbado — S. João da Matta.

FOGE

E's bella e moça, a vida tormentosa
 P'ra mim, que a levo n'um soffrer profundo,
 Devia ser-te alegre e descuidosa
 Porque és criança e te respeita o mundo.

No emtanto eu, louco de te ver tão pura,
 Cedendo á febre que a minh'alma abraza,
 Toquei de leve as pennas da tua aza
 E maculei-te a virginal candura.

Sim, fui um vil que te roubei sedento
 O mel e o aroma que o teu seio guardava,
 Formosa e livre fui tornar-te escrava,
 Folha, colhi-te, e fui lançar-te ao vento.

Esquece tudo o que te disse e goza;
 A' luz que attrahe a tua imagem linda
 Foge, criança, se fôr tempo ainda
 Sacode as azas, borboleta auciosa.

VISCONDE DE MONSARAZ.

Já passa felizmente melhor a esposa do
 nosso amigo sr. Antonio Caetano de Souza
 Campina.
 Estimamos.

Parece que será nomeado chefe do departa-
 tamente marítimo do sul o capitão de mar e
 guerra sr. Sanches de Gusmão e para o lugar
 de adjunto do mesmo chefe o capitão-tenente
 sr. Augusto Caceres de Fronteira.

Tem estado doente o sr. João Simplicio de
 Barros Santos, sobrinho do nosso amigo sr.
 Alexandre João do Nascimento Santos.
 Estimamos as suas melhoras.

Na Villa do Bispo foi creada uma escola
 de ensino primario para o sexo masculino.

O n.º 39 do *Gabinete dos Reporters*, relati-
 vo a 26 de janeiro ultimo, traz o retrato do
 valoroso capitão de cavallaria Mousinho de
 Albuquerque e varias poesias, em honra das
 victorias em Africa, assignadas por Fernan-
 des Costa, Alfredo da Cunha, Abel Botelho,
 Julio Dantas, Antonio Aurelio, etc.

Ha dias, uma senhora, na rua do Ouro,
 apeiando-se d'um americano cabiu e tão de-
 sastradamente que ficou muito descomposta.
 Um passageiro mais atrevido assestou a lune-
 ta e olhou para aquelle quadro com demasia-
 da insistencia, até que a senhora, compondo-
 se e levantando-se, disse-lhe:—pelo que vejo
 o senhor não é um cavalheiro; ao que o ho-
 mem lhe retorquiu:—pois, minha senhora,
 pelo que eu vi, v. ex.ª tambem o não é.

Isto é authenticico, assim o diz o *Reporter*.
 Authenticico, ou não, tem muitissima graça.

Em Africa

O governo recebeu de Lourenço Marques
 a agradável noticia de ter sido preso o regulo
 Mahazul e um seu tio, seu principal cabeci-
 lha, continuando diligencias activas para a
 realisação da captura do celebre Finisha.

E' mais um obstaculo vencido e um terri-
 vel inimigo de menos.

Oxalá o governo, depois d'estas importan-
 tes victorias, saiba, por meio de acertadas
 medidas, consolidar o nosso dominio em Afri-
 ca e não se deixe adormecer sobre os louros
 dos triumphos.

As victorias agora alcançadas deverão ser-
 vir ao governo de lição e exemplo para o fu-
 turo.

E' necessario aproveitar bem o que agora
 se fez, que custou muito dinheiro e muitas
 vidas, sacrificios estes que não se podem es-
 tar repetindo a cada passo.

Uma vigorosa e economica administração
 é o que se necessita no momento actual, para
 que os resultados obidos sejam perduraveis.

Pelo consul portuguez em Tanger, foram
 enviados ao ministerio dos negocios estran-
 geiros todos os documentos relativos ao fal-
 lecimento do subdito portuguez Luiz Graça,
 casado, natural de Tavira e residente em
 Rebat.

O fallecido deixou testamento a favor de
 sua mulher e de dois filhos.

Temos presente o n.º 50 da *LEITURA*, cujo
 summario é como segue:

J. B. Venturino — «No tempo de D. Se-
 bastião.»

Alphonse Daudet — «A Egrejinha» (X).
 Fernandes Costa — «A João de Deus».

Luiz Mullem — «Vingança das mulheres»
 (II, fim).

João de Deus — «Patria».

André Chévrillon — «Na India» (XI).
 Theophilo Braga — «João de Deus e a
 poesia».

Edouard Rod — «A segunda vida de Mi-
 guel Teissier» (II).

Guerra Junqueira — «João de Deus e o
 amor».

Camille Flammarion — «O fim do mundo»
 (XII).

Antonio Candido — «A' beira da sepultura»

ALFAYATE

José Francisco de Souza Vairinhos parti-
 cipa aos seus amigos e freguezes que mudou
 o seu *atelier* d'alfayate para a Rua dos Inno-
 centes, n.º 4, onde continua a exercer a sua
 profiissão, como espera continuar a merecer
 as boas graças dos seus freguezes.

E' posto á venda por estes dias o primeiro
 volume do *Relatorio Geral do Congresso Viti-
 cola Nacional*, de 1895, contendo a secção
 cultural e secção oenologica.

Esta obra comprehende as informações
 mais modernas, as noções mais racionais, as
 regras melhor organisadas em harmonia com
 a sciencia e com a pratica para a cultura da
 vinha e fabrico e conservação do vinho. **E'**
um verdadeiro manual, indis-
pensavel a todo o viticultor
portuguez.

O leitor encontra n'este volume todos os
 relatorios apresentados ao congresso, as suas
 conclusões e as interessantissimas e instruc-
 tivas discussões que provocaram e em que
 tomaram parte os mestres mais abalizados na
 especialidade entre nós, discussões perfeita-
 mente fixadas pelo eximio corpo tachygraphi-
 co da camara dos senhores deputados.

Recebem-se desde já pedidos para esta pu-
 blicação que será immediatamente remetida,
 logo que appareça, franca de porte, mediante
 o recebimento da quantia do seu custo, em
 valle do correio ou estampilhas, dirigida a
 João Pereira, secretaria da Real Associação
 Central da Agricultura Portugueza, largo de
 S. Carlos, 4, ou ás administrações dos perio-
 dicos *A Vinha Portugueza*, 27, Arco do Ban-
 deira, *Portugal Agricola*, 66, rua da Impren-
 sa Nacional, *A Agricultura Contemporanea*,
 186-188, Rua Aurea, em Lisboa, e de *A Vi-
 nha de Torres Vedras*, n'esta villa.

AGRADECIMENTO

Antonio Martins Cypriano e sua mulher
 Elisa da Piedade, agradecem, summamente
 gratos, ao ex.º sr. dr. Silvestre Falcão, o cari-
 nho e disvelo com que tratou de seu filho
 durante a longa enfermidade a que infeliz-
 mente succumbiu, não exigindo remuneração
 alguma dos seus valiosos serviços.

Agradecem igualmente a todos os mem-
 bros da sociedade philarmonica *Artistas de
 Minerva*, por se prestarem a tocar gratuita-
 mente no enterro e a todas as pessoas que o
 acompanharam á sua ultima morada.

Loulé, 1 de fevereiro de 1896.

Regulamento do recruta- mento militar

Já se acha á venda esta edição, contendo
 a lei de 27 de setembro ultimo e o regula-
 mento respectivo, approved por decreto de
 26 de dezembro de 1895. Esta edição é a
 unica completa, porque é a UNICA que tem
 a lei e o regulamento; é a UNICA que con-
 tém repertorio, facilitando sobremaneira a
 consulta, e é a UNICA que, além d'estas leis,
 comprehende tambem a Divisão Administra-
 tiva, segundo os decretos do anno passado.

Pedidos á «Bibliotheca Popular de Legis-
 lação», rua da Alatalaya, 183, 1.º—Lisboa.
 Preço 200 réis.

QUADROS

DA Dominação musulmana no nosso paiz

Os luso-arabes
PRIMEIRA PARTE

IBN-AMMAR

VI

O festim

A parte norte do Gharb, estava completa-
 mente revolta pela guerra com os christãos.
 Ferdland Ibn Sanch (1) pacificadas as dis-
 sensões intestinas havia invadido a Beira.
 Cea, Vizeu e Lamego tinham caído em seu
 poder. Estes factos não eram muito agrada-
 veis ao primeiro wisir (2) de Silves, porque,
 se por uma parte enfraqueciam os Alaftas
 de Badajoz, seus mortaes inimigos, por ou-
 tra engrandeciam os christãos de Galliza ain-
 da mais perigosos. Mais tarde com a idéa de
 engrandecer Ibn Ammar não duvidou alliar-
 se com Affonso VI (que o estimava muito
 pelo talento) concorrendo para a tomada de
 Toledo pelos christãos, facto que foi o mais
 importante e a causa principal da reconqui-
 sta christã; mas essa alliança foi tambem um
 dos motivos do odio que lhe votaram os mu-
 sulmanos e da sua catastrophe final.

Na epocha a que nos reportamos, esses
 acontecimentos vinham ainda longe, e Ibn
 Ammar sentia mais do que estimava esse en-
 fraquecimento do poder dos Alaftas.

Por outro lado, os prazeres e as magnifi-
 cencias não tinham ainda podido riscar inteiri-
 tamente do seu coração a idéa de Mariam,
 apesar de terem já passado cinco annos que
 a vira pela ultima vez.

E, além d'isso, em certos momentos todas
 aquellas grandezas quasi que o assustavam.
 Parecia-lhe que tamanha fortuna não podia
 durar muito. O seu character sceptico, fazia-o
 desconfiar de tudo e de todos, e mais ainda
 da sua felicidade.

O Motamid, percebendo a sua inquietação,
 esforçava-se por lhe mostrar por todos os
 modos o seu grande affecto. Chegava a es-
 quecer a heroína da festa para dedicar todas
 as suas atenções ao seu querido Abu Beer.

Entretanto a conversação animava-se in-
 flammada pelo vinho que rutilava nas taças
 de chrysal, e que se vasava em profusão,
 até mesmo nos labios de coral das formosas
 commensaes.

—Estava linda a noite, dizia uma espiri-
 tuosa moreninha de olhos negros e gesto bu-
 liçoso, mas trouxe-nos o vento uma nuvem
 de tempestade.

—Estás louca! acudiu uma loura ingenua
 não vés como o ceu se mostra limpido.

—E tu estás cega, acudiu a morena, pois
 não vés a nuvem negra no rosto de Ibn Am-
 mar.

Todos se riram, até o proprio Ibn Ammar.
 Discutiam-se entre os corteãos as vanta-
 gens e inconvenientes da guerra entre os de
 Badajoz e de Galliza; mas o dito da morena
 rompeu essas discussões sérias.

—«Alegra-te, meu Abu Beer; disse o prin-
 cipe.

Agora não é occasião para fallar em nego-
 cios.

Seja esta noite votada ao prazer. Bebamos
 aos lindos olhos da formosa Daissé.

Vasaram-se de um só trago, ao som de
 gritos de jubilo, todas as taças, que os eunu-
 cos escanções reencheram immediatamente.

—Não imaginas, Abu Beer, como Daissé
 recita bem. Mostrou-me hoje esse novo talen-
 to. Tenho pena que não estivesses todo o dia
 comnosco para a ouvires, porém um bom ma-
 gistrado, como tu, sacrifica tudo aos seus de-
 veres officiaes.

Mas has de ouvir-a antes de partir, disse
 um dos corteãos.

—Os teus versos, ajuntou Ibn Salam, pro-
 nunciados pelos lindos labios de Daissé, de-
 vem ter um encanto que tu mesmo lhe não
 conheces.

—Ai, meu principe, exclamou Daissé, esta
 idéa de separação é bem triste. As dôces re-
 cordações d'este palacio nunca se apagarão
 na minha alma. As minhas lagrimas correrão
 sempre a tão saudosa lembrança.

—Não falles de separação, oh mais bella
 entre as bellas. Se as tuas lagrimas são pe-
 rolas as minhas serão rubis, vermelhas do
 meu sangue, vertido do meu coração. Quize-
 ra como elle, fazer-te d'ellas um collar, que
 te cingisse o lindo collo eternamente. (3).

Ibn Ammar, disse a cantora com a sua
 voz melliflua, recita-nos uma das tuas poe-
 sias.

O poeta não estava de bom humor. Des-
 culpou-se com a fadiga da jornada.

A morena acudiu maliciosamente:

—Elle reserva as suas composições para
 ouvidos de christãs. O peor é que ellas fo-
 gem-lhe, para não morrerem de amor ou...
 de medo, ante a cerração d'aquelle rosto car-
 regado.

Ibn Ammar lançou-lhe um olhar rapido
 de colera.

—Que relampago! exclamou a maliciosa.
 Não disse eu que tinhamos tempestade.

O principe tomou o partido do favorito e
 com sobreceño severo fez calar a indiscreta.

Aquelle relampago ameaçava verdadeira
 procella.

O festim, apesar d'este leve incidente con-
 tinuou a animar-se.

(Continua.)

OLIVEIRA PARREIRA.

(1) Ferdland Iba Sanch.

Fernando, filho de Sancho. Fernando I de
 Leão.

(2) Wisir ou wasir.

(3) Allusão á poesia de Al Hakem, traduzida
 em allemão por Ashbach.

Paderne

Faz justamente hoje quatro annos que um
 punhado de valentes, entusiastas d'uma idéa
 sublime, revoltados contra as desgraças e
 desditas da patria, vendo ainda como um
 ferrete ignominioso, indelevelmente gravado
 na sua fronte o infamissimo *ultimatum* inglez,
 sahiram de armas na mão para o meio das
 ruas da formosa cidade invicta, promptos a
 tudo para salvar a patria d'uma ignominiosa
 tutela estrangeira!

Foram porém vencidos!...

As ballas de seus irmãos, armados por in-
 fames traidores, prostraram-os inanimados,
 vencidos, depois de algumas horas de cruel
 lucta!

Hoje anniversario d'essa batalha ingloria,
 hoje anniversario da morte de alguns bravos
 patriotas, mas nunca da morte de uma idéa;
 nós chorando os mortos em defeza d'uma
 causa santa, saudamos os vencidos de hon-
 tem porque elles serão os vencedores de
 amanhã!

Tudo... tudo!... pela patria e pela liber-
 dade!

—Foi recebida aqui com grandes demons-
 trações de alegria a noticia da chegada a Lis-
 boa do *Zaire*, repatriando um troço dos ex-
 pedicionarios a Lourenço Marques.

E não poderiam na verdade chegar em
 melhor occasião aquelles bravos.

Quando a patria ainda sangrava da ferida
 aberta em seu peito pela morte de um filho
 mais estremecido, pelo desapparecimento da
 sua maior gloria, do seu raio de luz mais
 brilhante, eis que chegam d'além mar cober-
 tos de louros outros seus filhos, que lhe vem
 recordar o bello tempo das glorias antigas,
 por isso a morte do glorioso João de Deus,
 cobrindo de tristissimas crepes a bandeira
 nacional, e a gloria de suas armas cobrindo-a
 de formosissimos brilhantes, vieram provar-
 nos que na vida d'um povo como na d'um
 só homem, nunca se deve desesperrar das
 desditas da sorte, pois que se ha dias de in-
 finita tristeza e lancinantes dôres, tambem os
 ha de inimaginavel alegria e de sincero jubilo.

Emquanto os nossos olhos se arrasam de
 lagrimas pela perda d'essa gloria da littera-
 tura nacional, o nosso peito exulta de alegria
 pelos brilhantes feitos das nossas armas em
 além mar.

—Chegou hoje aqui Antonio Alleluia, 2.º
 cabo de infantaria 2, n.º 410, que fez parte
 da expedição a Lourenço Marques.

Na tarde de hoje foram visital-o os srs.
 José Paiz Carlos Teixeira, Francisco Correia
 Modesta, Antonio dos Santos Silva, Joaquim
 Antonio Soares, José Marcellino, José Mendes
 de Souza Ramos e Francisco P. Madeira.

O expedicionario está de perfeita saude,
 bem disposto, dizem até que vem mais nutri-
 do e mais alto do que quando foi para lá.

De tudo quanto lhe ouvimos, o que achamos
 mais gracioso foi o seguinte:

Quando as nossas tropas se preparavam
 para atacar o poderoso regulo vatua o Gun-
 gunhana, os negros ao serviço portuguez,
 diziam:—*Mi não combater Gunguhana, mi
 morre!*

Não obstante o mostrarem-se tão temerosos
 os negros foram obrigados a marchar na
 frente das nossas tropas no ataque ao Gun-
 gunhana, mas ao principiar o fogo, manda-
 ram-os deitar.

Rompou o fogo das metralhadoras e os ne-
 gros exclamaram admirados, na sua lingua-
 gem pitoresca:—*Valente branco, faz pum cá...
 pum lá!*...

31 de janeiro de 1896.

PAULO MADEIRA.

ANNUNCIOS

ARREMATACÃO

1.º annuncio

No dia 9 do proximo mez de fevereiro, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial, se ha de pôr pela segunda vez em praça, mas com o abatimento da quinta parte do seu valor, uma morada de casas terreas na rua do Outeiro, d'esta villa, pertencente ao casal inventariado de Helena de Jesus, foreira em 290 réis annualmente ao municipio de Loulé, avaliada, liquido de tôro, em 169\$845 réis.

Loulé, 27 de janeiro de 1896.

O escrivão,

Thomaz Joaquim Rua.

Visto—BARROSO.

ATELIER DE PINTURA

DE

F. CRUZ

(Pintor de Lisboa)

46, RUA DA MOTTA, 46—FARO

Executa-se todo o genero de trabalhos de pintura tanto em fino como em ordinario, taes como: templos, propriedades, ornamentação de salas, fingimentos de madeira ou pedra bronzeados em todos os gostos, pintura em carruagens, monogrammas, paizagens, etc.

Especialidade em pinturas de letras, douradas em todos os generos e encarnação de imagens (pelo systema francez). Fazem-se transparentes em vidro, papel e panno.

Preços sem competencia.

Não mandem fazer trabalhos de pintura sem primeiro consultar os preços d'este atelier.

Assigna-se na antiga livraria Bertrand, hoje José Bastos.

RUA GARRET, 73

LISBOA

CONDICÕES DE ASSIGNATURA	Lisboa
Anno.....	2\$400 réis
Semestre.....	1\$200 ”
Trimestre.....	700 ”
Provincias, Alagoas e Madeira	
Anno.....	2\$600 réis
Semestre.....	1\$400 ”
Trimestre.....	750 ”

Quem quizer estar ao facto do movimento litterario, tanto no paiz, como no estrangeiro, assine a LITTERA.

Numero avulso custa apenas 120 réis.

Não se pôde exigir melhor e mais barato.

GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA BEM CONHECIDA CASA

MEMORIA

DE

SANTOS BEIRÃO & C.ª LISBOA



UNICOS vendedores da machina Memoria, que é, sem exagero, a melhor machina, mais perfeita e mais elegante de todas até hoje conhecidas.

Machinas para sapateiro, alfaiate e fazer meias, de varios systemas. Vendas a prompto pagamento e a prestações. Ensino e concerto gratis.

Encarrega-se de satisfazer qualquer pedido de velocipedes e bicycletas, para o que apresenta os respectivos cathalogs.

Estabelecimento e armazem de fazendas de lã, linho, algodão e seda LEITOS DE FERRO E LAVATORIOS

AGENCIA DA

COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL

NOS CONCELHOS DE

LOULÉ E ALBUFEIRA

Vendas nas mesmas condições que a referida companhia. Depositos em Albufeira, Alte, Ameixial, Boliquireme, Paderne e Salir.

ARMAZEM DE VINHOS

Vinagre, azeite, aguardente, farinhas, cereaes, esparto, palma, petroleo, sabão, phosphoro e obra d'empreita.

MERCEARIAS E DROGAS

Ferragens, tintas, candieiros, relógios, louças, vidros, perfumarias, quinquilherias, bijouterias, assucar em quadrados para chá ou café e outros artigos de novidade (Especialidade em chá, café e chocolate)

GRANDE E COMPLETO SORTIDO

EM

OCULOS E LUNETAS

de todos os graus

ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS, Por preços modicos

MANUEL RODRIGUES CORREA

LOULÉ

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



GOMES VI

ESTE novo e excellente vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa impreterivelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 3 e 20, para sair em 6 e 21.

GOMES 4.º

CARREIRA SUPPLEMENTAR

ESTE já conhecido vapor tem estabelecidas carreiras entre os portos do Algarve, Lisboa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga. São excellentes as accommodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez offerece aos passageiros de 3.ª classe commodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 4\$000 réis; 2.ª classe, 3\$000 réis; 3.ª classe, 2\$000 réis.

Agente em Faro—João Pereira d'Almeida.

TYPOGRAPHIA DO LOULETANG

ESTA typographia, montada com bom material, tendo adquirido boas e modernas machinas e já conhecida do publico pela boa execução de trabalhos n'ella feitos, está habilitada a satisfazer todas as encommendas, taes como: Procurações, ordens e mandados de pagamento, attestados, autuações, recibos, quitações de fóros, participações de casamento, enveloppes e papel timbrados, todos os impressos para repartições publicas, prospectos, etc.

Cartões de visita em branco

100—400 réis, 50—240, 25—160

CARTÃO DE LUTO

N.º 1—100—500 réis, 50—300, 25—200
N.º 2—100—600 réis, 50—350, 25—250
N.º 3—100—700 réis, 50—400, 25—300
N.º 4—100—800 réis, 50—450, 25—350

Garante-se o bom cartão, perfeição, nitidez e promptidão. Basta só experimentar para se ficar sendo freguez d'esta typographia.

PHOTOGRAPHIA DO POVO

DE

F. CRUZ

(PHOTOGRAPHO DE LISBOA)

46, RUA DA MOTTA, 46—FARO

Nesta casa unica em todo o paiz que faz trabalhos mais baratos, executa-se todo o genero de trabalhos photographicos desde o diminuto preço de 500 réis cada duzia de retratos nitidos, até 4\$000 réis cada retrato em tamanho natural, empregando em todos os trabalhos productos de primeira qualidade, vindos directamente da casa PAULENC FAÈRES, de Paris, e tendo machinas especiaes para instantaneos grupos de grande formato e para reproducções ainda as mais difficéis.

Tambem se vae a casa dos freguezes por trabalhos superiores á quantia de 2\$000 réis não sendo fóra da cidade.

Tiram-se retratos a pessoas fallecidas, com grande perfeição, e por preços convencionaes. Fazem-se grupos de corporações, collegios, bandas regimentaes ou philarmônicas, em grande formato.

Clichés gratis. Ha grande collecção de photographias religiosas para vender. Trabalha-se com todo o tempo. Abre das 8 horas da manhã ás 4 da tarde.

ESTABELECIMENTO DE MOBILIA

DE

BELLA & BARBOSA

PRAÇA—Loulé

Cadeiras de diferentes modelos, sophás e canapés correspondentes, mesas de cabeceira com uma e duas pedras, ditas para sala, escriptorio, jogo e centro, etagères com pedra para sala, commodas e meias commodas, lavatorios de mogno com pedra espelho de crystal e gavetas; ditos de ferro, completos, com valvula; leitos de mogno á ingleza para uma e duas pessoas; ditos de ferro; berços em diversos teitios, espelhos para sala e quarto em diferentes tamanhos, serviços de lavatorio em loiça e zinco; papeis pintados, toalheiras, cabides, candieiros de suspensão e meza, relógios, espingardas, accessorios para as mesas, oleados, baguet para moldura, oculos e lunetas de todos os graus.

Sortimento completo em ferragens, drogas, tintas, vidros e loiças.

Encarregam-se de quaesquer concertos dos artigos citados, e bem assim, de qualquer encommenda que diga respeito aos mesmos.